

MULHERES GUARDIÃS E OS CUIDADOS PARA A SAÚDE ATRAVÉS DAS FOLHAS NO LITORAL DO PARANÁ.

Kauane Gabriele Martins¹; Paulo Rogério Lopes²; Gabriela Almeida Mota³.

GT 7 – Educação, Saúde, Território e Sustentabilidade

Resumo

O presente artigo buscou registrar os repertórios de saberes e fazeres que integram o conhecimento popular de cuidado através das folhas no litoral do Paraná e refletir sobre a relação entre os saberes populares percebidos no território estudado e os saberes tradicionais registrados na bibliografia. Para buscar e registrar os saberes-fazeres, a metodologia utilizada foi o trabalho de campo, baseado na observação participante e no registro etnográfico, através da memória dos fenômenos sociais vivenciados. Para conectar os registros dos saberes populares com a tradição já documentada, busquei literaturas que possibilitam traçar linhas históricas (bibliográficas e documentais) sobre os saberes populares e tradicionais. Através desse registro, foi possível comprovar a existência e a resistência do saber popular das folhas nas comunidades periféricas e rurais do litoral do Paraná, bem como apontar pontes entre a pouca bibliografia encontrada sobre os saberes e fazeres das folhas dos/nos povos tradicionais litorâneos e os saberes populares desse rico território.

Palavras-chave: Povos tradicionais; Saberes populares; Ervas medicinais.

¹ Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, águas e florestas; Mestranda do programa de Desenvolvimento Territorial Sustentável; UFPR; Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail: kaumartins20@gmail.com

² Pós-Doutor em Recursos Florestas; ESALQ/USP; Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail: agroecologialopes@gmail.com

³ Tecnóloga em Agroecologia; UFPR; Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail: gabe-mota@live.com

O artigo tem como base os resultados da dissertação de Kauane Gabriele Martins intitulado Diálogos entre o saber popular e o saber tradicional: mulheres guardiãs e os cuidados para a saúde através das folhas no litoral do Paraná.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo geral registrar os repertórios de saberes e fazeres que integram o conhecimento popular de cuidado através das folhas no litoral do Paraná e refletir sobre a relação entre os saberes tradicionais e populares percebidos no território estudado. Enquanto caminho etnográfico objetivou-se a sistematização do repertório de Saberes e fazeres tradicionais e populares registrados, durante rodas de conversa promovidas a respeito das folhas⁴, em periferias e comunidades rurais do litoral do Paraná, durante os anos de 2021, 2022 e 2023.

Ao longo desses anos, os territórios trabalhados foram: o Assentamento - Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger em Antonina, Bairro Labras em Paranaguá, Associação de moradores do Vila Nova/Matinhos, Associação de moradores do Balneário Perequê/Matinhos, Associação de moradores do Rio da Onça/Matinhos, Associação de moradores do Balneário Gaivotas/Matinhos, Comunidade Albatroz/Matinhos, Ocupação do Bom Sucesso/Matinhos e o Sítio Solarendy/Morretes.

Para este trabalho, partimos dos seguintes problemas de pesquisa: Quais saberes populares sobre as folhas podem ser percebidos no Litoral do Paraná e quais relações esses saberes populares (urbanos periféricos/ rurais) observados tem com os saberes tradicionais desse território registrados na bibliografia?

Registrar o repertório de saberes e fazeres das folhas no litoral paranaense bem como olhar para a conexão entre o saber popular e o saber tradicional, no que se refere aos cuidados para saúde através destas, é remontar a história da ancestralidade indígena e africana desse território, subvertendo apagamentos, esquecimentos e o processo de invisibilização. Reconhecer saberes e práticas tradicionais, vestidas ou não de saberes populares, é construir um novo repertório de escuta e participação de povos tradicionais e seus remanescentes na construção social do que chamamos desenvolvimento.

Através da pesquisa etnográfica observou-se que o repertório de saberes e fazeres para saúde através das folhas ainda constitui um elemento importante na estrutura social e cultural do litoral do Paraná. O registro etnográfico realizado evidencia, sobretudo, o vínculo existente entre os saberes das ervas medicinais do litoral paranaense

⁴ Aqui, escrevo folhas em referência a linguagem utilizada por minha avó benzedeira e por muitas outras mulheres guardiãs que já cruzaram meu caminho, chamando erva medicinal de “foia/mato/matinho”.

e as mulheres, ressaltando que em se tratando desse saber popular, o aprendizado costuma ser transmitido oralmente, em grande parte, das mais velhas para as mais nova.

Revisão bibliográfica e caminho etnográfico apontam para uma relação entre os saberes tradicionais e os saberes populares do litoral do Paraná, o que indica a necessidade de mais pesquisas na área, para que seja possível o aprofundamento nesse repertório de saberes e para que sejam resguardados e retomados os elos existentes entre as mulheres periféricas enquanto lideranças comunitárias, e suas ancestrais, guaimã (mais velha em tupi) e xejary (avó em mbya guarani).

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada é o trabalho de campo, baseado na observação participante e no registro etnográfico, através da memória dos fenômenos sociais vivenciados nas rodas de conversa realizadas de 2021 a 2023, no litoral do Paraná.

Entendendo a observação participante como processo central desta pesquisa, a experiência em campo é parte indissociável da descrição etnográfica, que abarca também o contexto sócio-histórico diversificado das comunidades em questão. Como aponta o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2000) a principal hermenêutica do método etnográfico é a relação dialógica, onde o pesquisador e seu informante transformam-se em interlocutores, numa relação de reciprocidade, em outras palavras, numa relação de troca. Para o autor, a relação dialógica conduz as partes envolvidas a uma compreensão dupla, onde o outro é igualmente estimulado a nos compreender, “isso ocorre graças à ampliação do próprio horizonte da pesquisa, incorporando em alguma escala o horizonte do outro” (OLIVEIRA, 2000, p. 68).

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p.7).

Embora o foco desta pesquisa esteja centrado no repertório de saberes e fazeres das mulheres das comunidades, e como estes configuram-se no cotidiano, não podemos deixar de recorrer a estudos já produzidos sobre a temática, pois através deles encontramos os pontos de partida para iniciar importantes reflexões.

Nesse sentido, conjuntamente a observação participante, realizei um levantamento bibliográfico abordando as seguintes categorias teóricas: Saberes tradicionais, Saber/conhecimento Popular, Ervas Medicinais e Litoral do Paraná.

2.1 SOBRE O TERRITÓRIO

Matinhos, onde moro e onde foram realizadas boa parte das ações deste trabalho de campo, é um dos sete municípios que compõem o litoral do Paraná. Somente em meados do século XIX teve início a colonização de Matinhos (BIGARELLA, 1999). Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná compõem os demais municípios do nosso litoral.

Segundo Sulzbach e Mendes (2015) os municípios do litoral do Paraná podem ser caracterizados pelos seus principais segmentos produtivos: rural (Guaraqueçaba e Morretes) com 44% do território e 9% da população; portuário (Paranaguá e Antonina) com 29% do território e 60% da população; e praiano (Matinhos, Guaratuba e Pontal do Paraná) com 27% do território e 31% da população.

Aproximadamente 82% do território do litoral do Paraná é coberto por Unidades de Conservação e/ou áreas protegidas. Por sua vez, o município de Matinhos, possui uma faixa de praia composta por 17 km de orla marítima, 17 balneários e conta com 27% de seu território coberto por unidades de conservação ambiental (DENARDIN; LOUREIRO; SULZBACK, 2008).

Envolto por uma aparente proteção ambiental, o litoral do estado do Paraná revela-se como área de elevada tensão ecossistêmica e social, percebida sobretudo pelas suas características naturais, mas especialmente pelo seu crescimento populacional, desigualdades sociais e pelas rápidas transformações nas dinâmicas de uso e ocupação do solo (TIEPOLO, 2015, p.101).

De acordo com Tiepolo (2019), no ecossistema biodiverso do litoral paranaense, coexistem populações e comunidades autóctones indígenas com características tradicionais, reconhecidas como caiçaras, assim como se reconhece a presença da população afro-brasileira e os descendentes de europeus. O processo intercultural que reúne matrizes negras, guaranis e portuguesas coloniais resulta na coletividade caiçara (Diegues, 2004).

Em resistência a colonização do território e dos saberes, o litoral do Paraná ainda é ocupado por mais de oitenta comunidades tradicionais, dentre as quais, seis são comunidades indígenas, duas são quilombolas, dezenas delas são comunidades caiçaras e outras dezenas de comunidades de agricultores familiares (CABRAL; GÓES; LAZOSKI, 2020). Na obra “Litoral do Paraná: território e perspectivas Volume-IV:

Saberes Locais, Crises socioambientais e turismo”, Oda e Lautert trazem as seguintes considerações ao se referirem ao território de Guaraqueçaba:

São dezenas de comunidades com características distintas que basicamente sobrevivem da coleta dos recursos, agricultura de pequenas roças e o turismo impulsionado pelas belezas e pelo modo de vida local. A forma como internalizam e exteriorizam esse modo de vida, é construída através dos saberes tradicionais no tocante aos seres do mar e da mata herdados, principalmente, de seus antepassados indígenas. Assumindo, desse modo, uma dimensão imensurável de pertencimento à natureza que transcende a noção de território enquanto meio físico explorado, é um lugar onde as interações das relações sociais com a natureza dão um significado especial à existência. (ALAN RIPOLL ALVES [et al.], 2020).

Os territórios e a existência de comunidades caiçaras, pescadores artesanais, agroflorestais, são tensionados pela expansão urbana e projetos de desenvolvimento nas áreas de turismo e portos (HARDER; FREITAS, 2015). A verticalização de Caiobá, por exemplo, o balneário mais conhecido e elitizado de Matinhos, contrasta com a precarização do acesso a políticas públicas de saúde e educação voltada à realidade local. O processo de urbanização de Matinhos é marcado pela sazonalidade vinculada ao turismo de veraneio, com forte expansão da indústria imobiliária sobre os ambientes e comunidades locais.

Em se tratando de povos tradicionais que vivem aqui no bioma Mata Atlântica, no litoral do Paraná, sejam eles indígenas, caiçaras, ribeirinhos, quilombolas, camponeses, estes resistem em meio a unidades de conservação, ao turismo exploratório e a intensa especulação imobiliária, onde os interesses entram em constantes conflitos. Nas palavras de Ailton Krenak:

“Nossos parentes Guarani da Mata Atlântica (...) aprendi que dois Gêmeos tiveram que dobrar a Serra do Mar e fazer esse contraforte para que a Água Grande, o mar, não avançasse sobre continente (...) O fato é que os Guarani, assim como os caiçara da região, estão esmagados em pequenos sítios, reduzidos a ilhas, de onde resistem à especulação imobiliária, à ocupação de seus territórios e a violência que devasta esse lugar.” (KRENAK, 2022.)

2.2 SOBRE AS RODAS DE CONVERSA/ O CHÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

As primeiras rodas de conversa a respeito dos cuidados para saúde através das folhas aqui trazidas, aconteceram durante o ano de 2021. Estas rodas fizeram parte de um ciclo de ações de Combate à Pobreza Menstrual que atendeu os municípios de Matinhos, Paranaguá e Antonina.

Foram priorizadas regiões periféricas dos municípios, a fim de democratizar o acesso à cultura e aos diálogos de saberes propostos. As periferias atendidas foram o

Bairro Labras em Paranaguá, Associação de moradores do Vila Nova - Matinhos, Associação de moradores do Balneário Perequê - Matinhos, Associação de moradores do Rio da Onça - Matinhos e Comunidade Albatroz – Matinhos. Bem como Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger em Antonina.

Estas rodas tiveram como temáticas secundárias, para além da aprendizagem dos cuidados com as folhas, a educação sexual e menstrual, onde foram fomentados diálogos sobre ecologia feminina, ginecologia natural e anatomia humana.

Além das temáticas supracitadas, surgiram, de forma recorrente, temas relacionados às diversas expressões de violência atravessadas cotidianamente por mulheres. Tal recorrência, fez com que incorporássemos em nosso roteiro de rodas, as políticas públicas disponíveis nos municípios litorâneos para amparo de mulheres que atravessam essas situações.

Ao longo de 2021, estivemos também em um assentamento do Movimento Sem Terra, a Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger, em Antonina.

As ações realizadas ao longo de 2022 foram fruto do projeto individual da pesquisadora, intitulado Reza da Terra. Nestas, foram várias as comunidades vivenciadas no território litorâneo paranaense, como o sítio Solarendy em Morretes, as associações de moradores do Balneário Gaivotas e do Vila Nova em Matinhos e a ocupação de moradores do Bom Sucesso-Matinhos.

As vivências deste ano, nasceram da força transformadora sentida nas rodas do ano anterior. Intituladas Vivências de Auto-cultivo: resistência através das folhas, as ações trabalharam questões como corpo-território em retomada, promoção da saúde da mulher e preparados com folhas para o autocuidado/cultivo. O intuito foi unir sabedoria ancestral, ciência e luta a fim de resgatar saberes tradicionais, como forma de promoção à saúde dos corpos femininos.

Ao longo das ações deste segundo ano, trabalhamos apenas com folhas nativas da Mata Atlântica, o que potencializou em muito o aprendizado. Foram incluídos nas vivências, momentos de feitiço, onde preparamos juntas garrafadas, banhos de folha e de assento, tinturas e outros remédios.

No ano de 2023, o trabalho de campo aconteceu dentro do curso criado pela autora, voltado a sabedoria tradicional e popular das folhas. O curso teórico-prático foi nomeado “O Saber das Ervas” e aconteceu entre os meses de Abril e Junho de 2023, no Espaço Cultural da Bah, em Matinhos. Espaço de movimentação cultural independente,

matrigestionado por Maria Abadia Lúcia, mulher preta, mais velha, imensamente inspiradora.

O curso O Saber das Ervas foi organizado em encontros/módulos de aprendizagem. Nossa jornada teve início na ancestralidade indígena, onde tivemos a honra de receber Elza Jaxucá. Mais velha guarani da aldeia Kuaray Haxa, localizada em Guaraqueçaba - litoral do Paraná. Elza Jaxucá e sua filha Elí Pará Poty compartilharam conosco a sabedoria ancestral e os usos das ervas dentro da cultura Mbya Guarani. Em sua aldeia, Elza e sua filha e aprendiz, curam com as folhas “menino, mulher e mais velhos”.

Figura 1 – Elza Jaxucá, liderança indígena da aldeia Kuaray Haxa, de Guaraqueçaba/PR



Fonte: Acervo da autora.

Com sua sabedoria, Jaxucá nos contou sobre os banhos de ervas que recomenda aos pequenos, o uso do tabaco sagrado, as ervas para a mulher gestante e a mulher recém parida. Falou de erva para pesadelo. De sumo de cacto para hérnia. Em se tratando das sociedades do tronco tupi, Fernandes (1976) destaca o papel da guaimã (velha) e do tuibaé (velho) na transmissão dos saberes. Envolvidos pelos adultos nas atividades cotidianas, crianças e jovens aprendiam imitando, de acordo com a divisão de trabalho por sexo e idade (FERNANDES, 1976). Nesse processo de aprendizado, os tuibaé e as guaimã tinham papel central e fundamental, pois detinham saberes específicos de sua cultura,

conheciam os espaços próprios de transmissão e sabiam o momento mais adequado para transmiti-los aos mais novos

Os encontros que se seguiram trataram dos seguintes temas: tinturas garrafadas e banhos, preparados simples para o autocuidado (desodorante, repelente e óleos), introdução a química vegetal (cremes, xampus e condicionadores) e o poder dos óleos essenciais (destilação das ervas).

O encontro sobre tinturas, garrafadas e banhos, mediado por Maria do sítio Solarendy em Morretes, também foi rico de sabedoria tradicional, uma vez que sua maior mestra, é também uma mulher indígena, Mbya Guarani. Maria falou das tinturas e das garrafadas, formas de conservar as propriedades curandeiras das folhas por mais tempo, utilizando somente plantas nativas.

A respeito do poder curativo das plantas, Badke et. al. afirmam que os saberes quanto à saúde e as ervas têm se perpetuado na oralidade e no seio materno. No início das civilizações o cuidado à saúde era desenvolvido por mulheres, cujo conhecimento era adquirido no seio familiar, sendo isento de prestígio e poder social (BADKE, BUDÓ, ALVIM, ZANETTI, HEISLER, 2012

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as vivências que aconteceram em 2021 e 2022, destacou-se a participação de meninas em idade escolar, que relataram o desconhecimento sobre a anatomia de seus corpos, a ciclicidade feminina e os cuidados para a saúde através das folhas. Além das dificuldades para o acolhimento da menarca e da menstruação de modo geral no ambiente familiar e escolar. Condições essas que as deixam ainda mais vulneráveis às violências de gênero, uma vez que o não conhecer e não poder falar sobre o próprio corpo colabora para que milhares de crianças e adolescentes não saibam identificar, nomear e denunciar, que estão sofrendo abusos e violências sexuais.

Quando perguntadas sobre as folhas, das mais velhas partiram a maioria das receitas e partilhas. As mais novas demonstraram na atenção seus interesses, ouvindo, perguntando, aprendendo. Estávamos ainda vivendo a pandemia e mesmo com todas as adversidades enfrentadas, mulheres chegaram com suas máscaras, filhas e netas para se ouvir e compartilhar.

Fernandes (1976) já havia destacado o papel da guaimã (velha) e do tuibaé (velho) na transmissão dos saberes. São elas, as mulheres mais velhas das comunidades

periféricas, que guardam os saberes e fazeres das ervas do nosso litoral. Receitas e rezas armazenadas em suas memórias, se fazem elo com a ancestralidade e cuidam do futuro de suas famílias.

Durante as rodas vivenciadas na Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger, em Antonina, as mulheres do assentamento relataram serem estes os primeiros espaços exclusivamente femininos vivenciados pela comunidade. Receitas e formas de cultivo foram partilhadas aos montes, destacando-se a sabedoria de Dona Vera e Dona Lourdes, as mais velhas frequentadoras das rodas, as que mais sabiam das folhas. Ficou marcada a empolgação de todas por estarem ali, as mais velhas “dando aulas” e as mais novas, relatando o desconhecimento sobre a anatomia de seus corpos, de seus ciclos femininos e da falta de repertório para o cuidado de dores (cólicas, dores de cabeça) a partir das folhas.

Do curso O Saber das Ervas, de 2023, destacou-se a conexão entre as diversas plantas citadas por Elza Jaxucá como curandeiras e as folhas citadas nas comunidades por mulheres urbanizadas, como heranças de suas mais velhas, do tempo em que “viviam no campo/ na roça”. Sentar-se em roda, ouvir e aprender das ervas, preparar receitas, agora em formato de curso, foi a confirmação da potência e da beleza dessas vivências, bem como dos saberes populares e tradicionais que algumas de nós, mulheres guardiãs, acumulamos, herdamos, buscamos e transmitimos ao longo dos tempos, há séculos.

Sobre essa relação mulher - cuidados para saúde observadas nas rodas de conversa vivenciadas, Badke et. al. (2012) já afirmaram em sua pesquisa que os saberes quanto à saúde comunitária, tem se perpetuado através da transmissão da oralidade e do seio materno há séculos.

Às mais novas coube principalmente ouvir e aprender. Largar o celular por umas horas, sentar-se em roda para falar de coisa antiga não deve ter sido coisa fácil. Mas o interesse em saber de seus corpos, seus ciclos biológicos, seu sangue, moveu-as para se dispor e me encantou infinitamente. Ensinar também suas mais velhas sobre as novas tecnologias para coletar o sangue, as novas formas de enfrentamento às violências contra a mulher, suas organizações e seus sonhos.

Figura 2 – Diálogo de saberes entre gerações.



Fonte: Acervo da autora.

Em todas as rodas de conversa que vivenciei ao longo desses anos, mulheres e crianças encheram as associações de bairro, os bares e as casas. Prepararam alimentos, levaram vizinhas, filhas e netas para sentar-se juntas, trocar e aprender. Saíram de suas casas na chuva, no sol, na tarde e na noite. Cuidaram-se e cuidaram de outras. Falaram de assento, de chá, de violência e de saúde. Ficou evidente e gravado na minha memória e de muitas, a força, a potência e a beleza dos saberes das ervas, do compartilhar e do sentar-se em roda.

Sentar se em roda para falar de cuidado para saúde através das ervas pode ser compreendido como um momento de ritualidade, ancestralidade e memória do passado dos povos e tradições. Valorar a memória, a oralidade, a ancestralidade, a ritualidade e a continuidade, reforçam uma outra lógica de modo de viver e de aprender, diferente daquela lógica que a racionalidade ocidental moderna determina. Segundo Oliveira, as rodas de conversa se constituem de encontros dialógicos e interativos, possibilitando aos sujeitos a ressignificação de saberes e sentidos sobre suas experiências (OLIVEIRA, 2021).

Figura 3 – Rodas de conversa: cuidados para saúde através das folhas



Fonte: Acervo da autora.

A memória, enquanto patrimônio de saberes e conhecimentos, exerce a função de elo entre as mulheres das rodas, fortalecendo vínculos sociais e definindo um ethos que é constituído em razão da importância que o passado e a ancestralidade assumem no imaginário do grupo. Dentro desse contexto, a oralidade também possui papel importante, sendo ela a mais importante ferramenta de transmissão dos saberes populares e tradicionais.

A ritualidade presente na sabedoria tradicional e popular, manifestada em nossos centros de roda, cantos e rezas e observada no registro etnográfico sistematizado é mais um fator que, exerce função essencial, já que é através dela que se estabelece a conexão com a ancestralidade e a continuidade, trazendo para a roda um aspecto de momento sagrado onde se entrecruzam passado presente e futuro.

3.1 DOENÇAS CURADAS COM FOLHAS

Em se tratando das doenças curadas com folhas, trouxemos para este artigo dois pontos: onde vivem as mulheres detentoras dos saberes de cuidado e cura registrados pela autora e quais as ervas medicinais mais citadas nas rodas e encontros, conjuntamente com suas respectivas formas de uso, tal como mencionadas pelas guardiãs dos saberes.

Abordei essas folhas e doenças por perceber que foram estas as mais recorrentes dentre as rodas de conversa, embora existam outras folhas, para outras doenças e males que foram citadas em rodas. Entraram nesta tabela apenas as ervas que foram citadas em pelo menos 3 comunidades abordadas nesse registro etnográfico. O intuito foi o de trazer dados mais densos sobre as folhas mais comuns e mais citadas pelas mulheres guardiãs dos saberes populares de cuidado para a saúde, interlocutoras deste registro.

Quadro 1 – - Doenças curadas com folhas.

Erva/Nome popular	Nome científico	Propriedade curandeira	Forma de Uso	Comunidade que relatou o uso
Tanchage	Plantago major	Infecção urinária, inflamações vagina/útero/vulva, cólica	Assento, chá, garrafada	Vila Nova. Labras. Assentamento. Rio da Onça. Bom Sucesso.
Penicilina	Alternanthera brasiliana	Infecção urinária, Candidíase, corrimento	Assento, chá, xarope	Vila Nova. Assentamento. Perequê. Bom Sucesso.
Aroeira	Schinus terebinthifolia	Infecções (vaginais, de pele, etc),	Lavagem, assento, banho	Labras. Assentamento. Albatroz.
Milome	Tistolochia triangularis	Dor de estômago, dores no geral, Inflamações	Chá, Garrafada	Assentamento, Solarendy. Bom Sucesso.
Picão	Bidens pilosa	Infecção urinária, herpes, inflamações	Chá, assento, garrafada	Rio da Onça, assentamento, Perequê
Quebra pedra	Phyllanthus niruri	Infecção urinária, pedra nos rins/bexiga, diabetes	Chá, garrafada	Assentamento, Vila Nova, Rio da Onça, Labras, Albatroz, Perequê
Guaco	Mikania Glomerata	Dor de garganta, gripe, tosse, asma	Chá, vapor, xarope	Vila Nova, Rio da Onça, Perequê. Assentamento. Bom Sucesso.
Carqueja	Baccharis trimera	Doenças nos rins, diurético, imunidade, pressão alta, vermes	Chá, tintura	Albatroz, Assentamento, Labras
Cataia	Drymis brasiliensis	Gripe, menopausa, febre anti-inflamatório	Chá, tintura, garrafada	Assentamento. Labras. Solarendy. Bom Sucesso.

Erva de Santa Maria/ Lombriguera/ Mastruço	Dysphania ambrosioides	Vermífugo, calmante para bebê/criança, dor de barriga	Chá, banho	Solarendy. Assentamento. Bom Sucesso.
Boldo	Peumus boldus	Dor de estômago	Chá	Assentamento. Labras. Rio da Onça. Vila Nova.
Alfavaca	Ocimum basilicum	Gripe, dor de cabeça, má digestão, calmante	Chá, banho	Rio da Onça. Vila Nova. Labras. Assentamento.
Cavalinha	Equisetum	Infecção urinária, controle de hemorragias, digestivo	Chá, garrafada	Bom Sucesso. Labras. Vila Nova. Assentamento.

Fonte: elaborado pelos autores

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa etnográfica observou-se que o repertório de saberes e fazeres para saúde através das folhas ainda constitui um elemento importante na estrutura social e cultural do litoral do Paraná.

Em se tratando de saberes tradicionais difundidos pela cultura popular, as folhas sempre tiveram fundamental importância, por inúmeras razões, sendo transmitidos saberes e fazeres de cura pelo seu uso, de geração em geração, o que se confirma no registro etnográfico vivenciado e sistematizado neste trabalho. As folhas mais recorrentes no repertório de saberes populares registrado nas rodas de conversa, receberam certa ênfase na tabela contida no item 3.1 – Doenças curadas com folhas.

O registro etnográfico realizado evidencia, sobretudo, o vínculo existente entre os saberes das ervas medicinais do litoral paranaense e as mulheres, ressaltando que em se tratando desse saber popular, o aprendizado costuma ser transmitido oralmente, em grande parte, das mais velhas para as mais novas, o que vem de encontro com a bibliografia anteriormente registrada quanto aos saberes tradicionais das ervas e também traz reflexões quanto aos papéis que mulheres e homens ocupam na urbanidade na “modernidade” da sociedade atual.

O fato é que saberes tradicionais resistem, vestindo-se de conhecimento popular, trajados de cultura, num mundo que embora, epistemologicamente diverso, sofreu um processo de homogeneização sob o pretexto da “missão colonizadora”. O epistemicídio

de Santos suprime e marginaliza a diversidade sociocultural dos saberes, reforçando a colonialidade do poder, do saber e do ser, constituindo um desprezo, por parte dos agentes hegemônicos, dos saberes dos povos que vivenciaram a violência colonial.

Fruto deste mesmo sistema colonizador é a história patriarcal das divisões de trabalhos na urbanidade “moderna”. Onde por muitas vezes, todo cuidado com a saúde das famílias se concentra em torno da mulher, constituindo-se como forma de trabalho não remunerado as horas no fogão, na limpeza, no cuidado com as crianças. Com relação aos preparados/remédios através das ervas não é diferente. Quando somadas as horas de trabalho dentro e fora das casas, a rotina das mulheres muitas vezes é de uma sobrecarga tamanha que a conta não fecha. Não à toa, mulheres tem crescentemente somatizado doenças em seus úteros, mamas, corações e cabeças.

Diferentemente das sociedades antigas, sejam elas originárias do território Pindorâmico ou de África, onde reinavam os matriarcados, vivemos hoje em uma sociedade cuja hegemonia eurocêntrica impõem hierarquias entre saberes, subjugando e menosprezando os saberes dos povos colonizados, sobretudo o do matriarcado. Continuamos a atribuir os cuidados comunitários para saúde ao seio materno, todavia patriarcalizamos todas as nossas relações, fazendo com que os trabalhos não remunerados realizados pelas mulheres sejam menosprezados ou até mesmo invisibilizados, o que sobrecarrega seus corpos e cabeças.

No que se trata de remontar a história dos povos tradicionais no tocante a herança de saberes em relação aos cuidados para saúde através das folhas (ervas), nota-se que informações dessa natureza lamentavelmente são incipientes na documentação histórica, tendo em vista que os chamados patrimônios imateriais não constituíam um tema potencial para os cronistas dos séculos passados, como a antropofagia, a nudez, a poliginia e a natureza.

Saberes tradicionais e populares têm sido transmitidos das mais velhas e dos mais velhos para as mais novas e novos há milênios. Nesse processo, a oralidade, a memória, a ritualidade, o afeto e o envolvimento entre as gerações dos ciclos familiares e suas comunidades, se mostram fundamentais para que sejam consolidados diversos tipos de saberes e fazeres, mantendo viva a tradição das folhas no cuidado para a saúde, não somente nos territórios tradicionais do litoral do Paraná, mas também nas lacunas da urbanidade dos 7 municípios litorâneos.

Revisão bibliográfica e caminho etnográfico apontam para uma relação entre os saberes tradicionais e os saberes populares do litoral do Paraná, o que indica a necessidade

de mais pesquisas na área, para que seja possível o aprofundamento nesse repertório de saberes e para que sejam resguardados e retomados os elos existentes entre as mulheres periféricas enquanto lideranças comunitárias, e suas ancestrais, guaimã (mais velha em tupi) e xejary (avó em mbya guarani).

Referências

ALMEIDA, M. C. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

ANDRADE, M. C. **Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local**. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.; SILVEIRA, M. L. Território: globalização e fragmentação. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

ANTONIO, G.D.; TESSER, C.D.; MORETTI-PIRES, R.O. **Contribuições das plantas medicinais para o cuidado e a promoção da saúde na atenção primária**. v.17, n.46, p.615-33, jul./set. 2013.

BADKE, M. R. *et al.* SABERES E PRÁTICAS POPULARES DE CUIDADO EM SAÚDE COM O USO DE PLANTAS MEDICINAIS. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 363-370, abr./2012

BARTRA, Armando. **Campesinos del tercer milenio: aproximaciones a una quimera**, Revista ALASRU, Nueva Época, México, n. 10, 2014a, p. 17-43.

CABRAL, B.L.F.; GÓES, P.R.H.; & LAZOSKI, F., no prelo. Capítulo 3 – **Relato de experiência Eixo 6 – Economia criativa, empreendedorismo artístico e inovação cultural**. Editora UFPR, Curitiba, 2020. N

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. In: _____. Culturas entre aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 301-310.

DI MÉO, Guy. **Les territoires de la localité, Espace géographique**, tome 22, n. 4, 1993, p. 306 - 317.

DIEGUES, A. C. et al. (Org.) **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo, 2000;

D'ÉVREUX, Y. **História das coisas mais memoráveis, ocorridas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614**. Rio de Janeiro: Betel / Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

DE OLIVEIRA, A. E. A. RODA DE CONVERSA E CÍRCULO DE CULTURA: INSTRUMENTOS COM POTENCIAL DE MOBILIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO. **Revista Panorâmica – ISSN 2238-9210 - Edição Especial**, 2021.

FELIPE, Delton Aparecido. **Patrimônio cultural negro no Paraná: lugares, celebrações e saberes**. *Historiae*, Rio Grande, v. 6, n. 2, p. 117-134, 2015.

FERNANDES, F. **Aspectos da Educação na Sociedade Tupinambá**. In: SCHADEN, E. (org.). *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976. p. 63-86.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral** - 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LADEIRA, M. I. **Espaço Geográfico Guarani-mbya: significado constituição e uso**. Edição de Publicação. São Paulo: EDUEM/EDUSP, 2008;

LADEIRA, M. I. **O Caminhar Sobre a Luz: Território mbya à beira do oceano**. Versão Online. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista -CTI, 2014;

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani-mbya: significado, constituição e uso**, 2001. Tese de Doutorado em Geografia Humana – FFLCH/ Universidade de São Paulo - USP

Litoral do Paraná: território e perspectivas - saberes locais, crise socioambiental e turismo / organização de Alan Ripoll Alves ... [et al.] – 1.ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2020. v.4, 426p.: il.; 23cm

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Programa Nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. [online]. 2007 [acesso Setembro 2024]. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/>

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Plantas de Interesse ao SUS**. [online]. 2009 [acesso Setembro 2024]. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/>

NASCIMENTO, C. Evandro. **Malhas da reciprocidade: a pesca coletiva na ilha do Mel**/ Evandro Cardoso do Nascimento; orientador Valdir Frigo Denardin. – 2015. 151f.

OLIVEIRA, J. **Entre plantas e palavras: modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, A, Monique. **“Mulheres de fé”: o repertório de saberes e fazeres de benzedeadas em Matinhos, litoral do Paraná** / Monique Andressa de Oliveira; orientadora Ana Elisa de Castro Freitas; coorientadora Claudemira Vieira Gusmão Lopes. – 2019. 76 f.

OLIVEIRA, C, Roberto. 1998. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp. 220 pp.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: OSAL: Observatório Social de América Latina. Buenos Aires: CLACSO, Año 6 no. 16 (jun. 2005).

SAQUET, M. **A descoberta do território e outras premissas do desenvolvimento territorial**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 20, n. 3, p.479-505, set. – dez. 2018.

SAQUET, Marcos. **Territorialidades, relações campo-cidade e ruralidades em processos de transformação territorial e autonomia**, Revista Campo-Território, Uberlândia, v. 9, n. 18, 2014a, p. 1-30.

SCHENEIDER, S.; TARTATURA, I. P. **Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais**. Raízes: Revista e Ciências Sociais e Econômicas, v. 23, n. 1 e 2, p. 99-116, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.37370/raizes.2004.v23.237>.

SEMINOTTI, M. C. A. Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. **Rev Saúde Pública**, p. 85–91, 2009.

SILVA, A. P. D. SABERES TRADICIONAIS TUPI: ESTAR JUNTO, APRENDER, NHEMBOJERA. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 39, n. 109, p. 379-396, set./2019.

TIEPOLO, L. M. A inquietude da mata atlântica: reflexões sobre a política do abandono em uma terra cobijada. **Guaju**, v. 1, n. 2, p. 96, 2015.

TIEPOLO, L. M; DENARDIN, V. F. Desenvolvimento territorial sustentável: uma nova experiência na Mata Atlântica. In: DENARDIN, Valdir Frigo; ALVES, Alan Rupoll. **Desenvolvimento Territorial: olhares contemporâneos**. Londrina: Ed. Mecenas, 2019;

VIEIRA, Paulo Freire. **Políticas ambientais no Brasil: do preservacionismo ao desenvolvimento territorial sustentável**. Política & Sociedade, Florianópolis/SC: 2009.